

QUEBRANDO PARADIGMAS

Marco Antonio Siviero

Engenheiro mecânico, economista
e manejador florestal

Rogério Ferreira Lourenço

Engenheiro agrônomo

Alvanir Pacheco

Engenheiro florestal

O desenvolvimento da Amazônia tem sido amplamente discutido nas últimas décadas, com ênfase nos modelos de ocupação. E é consenso que destruir a floresta, com derrubada e com fogo, é altamente indesejável e predatório. A preservação da Floresta Amazônica, com a manutenção dos níveis de biodiversidade, é obtida com a exploração racional, com boas técnicas de manejo florestal, onde se obtém um modelo socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto.

No entanto, alguns fatores têm inviabilizado a manutenção das florestas amazônicas restantes na região do chamado "Arco do Desflorestamento", onde se destacam: o fogo proveniente de queimadas das pastagens na pecuária. Os "sem-toras", que são extratores ilegais das árvores alheias. E, especialmente, alguns parâmetros técnicos estabelecidos como critério de manejo florestal, em décadas passadas, tais

como o diâmetro mínimo de corte de 45 centímetros no DAP (Diâmetro na Altura do Peito), o ciclo de corte de 30 anos e o pressuposto de que a floresta amazônica cresce apenas um metro cúbico/hectare ano ($m^3/ha.ano$).

Queremos descrever a dificuldade criada por estes parâmetros e apontar critérios para o bom manejo a ser praticado nas nossas florestas. Como referência, adotamos um caso concreto de manejo florestal praticado na Fazenda Eirenê, na região sudeste do Pará.

■ FOGO

O fogo tem sido uma potente ferramenta de destruição da Floresta Amazônica. Em princípio, sem fogo, é muito difícil e oneroso destruir uma floresta. Com ele, a destruição é rápida e barata. O fogo destruidor das florestas amazônicas tem basicamente três origens. Primeiramente, a mais danosa e mais frequente é a pecuária. Depois, em menor intensidade, a agricultura, com ênfase na de subsistência. Por último, de pequena ocorrência, outras fontes.

A pecuarização da Amazônia foi o grande vilão da destruição da floresta, ao ponto de os projetos de manejo sustentados da região terem se tornado "ilhas cercadas de fogo por todos os lados". Ou a sociedade toma um grupo de ações específicas neste assunto, ou o futuro será repleto de incêndios florestais. E, como de costume, quem queima não sofre punição, devido à incapacidade e algumas vezes à mentalidade e forma de agir dos órgãos responsáveis.

Por outro lado, praticar um manejo florestal que inclua um número maior de espécies, com maior produtividade da floresta, com ciclo de corte mais real e menos filosófico, seriam ações que promoveriam a produção florestal e conseqüentemente a manutenção da floresta com uma biodiversidade interessante.

■ "SEM-TORA"

Na região de localização da Fazenda Eirenê, é frequente a ocorrência de "sem-tora". Este, normalmente, é um desfavorecido social, dono de um pequeno caminhão tipo "toco" sem documentação e sem segurança, que vive da apropriação indébita de madeira.

O alvo preferido dos "sem-tora" são os projetos de manejo florestal sustentado, que não são fortemente interferidos e possuem madeiras de alto valor comercial, que são cuidados pelo detentor do projeto para uma colheita futura, onde o ciclo de corte é arbitrado em 30 anos.

A localização e roubo das árvores são facilitados pela existência de sistemas de proteção e combate a incêndio florestal, em que se mantêm limpos os aceiros de limite de talhões e as divisas da propriedade. Deste modo um ciclo de corte de 30 anos, com incremento médio anual autorizado para extração de um

INFORME TÉCNICO

$m^3/ha.ano$ é um excelente prêmio aos infratores, ladrões de toras, destruidores da floresta, que pune a sociedade, a floresta e as pessoas que respeitam a lei.

PARADIGMA $1m^3/HA.ANO$

Sabemos que a pesquisa florestal na Amazônia é um fato relativamente recente, e que os pioneiros tiveram necessidade de fazer escolhas, as quais foram compatíveis com a realidade da época. Há 30 anos, havia uma determinada tecnologia de máquinas para madeira, um mercado, uma população mundial, uma mentalidade específica, sendo marcadamente reduzido o número de espécies florestais utilizadas.

Considerando que a interferência na floresta ocorreria sobre o baixo número das espécies comerciais, arbitrou-se uma colheita de 30 metros cúbicos, com ciclo de corte de 30 anos e um incremento médio anual de um $m^3/ha.ano$. Esta medida continua sendo praticada no presente pelos órgãos responsáveis de forma consideravelmente rígida, tendendo ao radicalismo. No entanto, já está amplamente publicado que as florestas interferidas respondem com incremento de volume médio anual da ordem de três a cinco $m^3/ha.ano$, o que torna o $1m^3/ha.ano$ questionável. Ainda mais, é conhecido que florestas plantadas atingem com facilidade incrementos na faixa de 20 a 60 $m^3/ha.ano$. Daí pode-se comparar dois tipos de floresta: uma plantada, de baixa biodiversidade, atendendo à satisfação das necessidades humanas, e outra nativa, de alta biodiversidade, pouco produtiva, não cumprindo os fins sociais, devido ao modo como é manejada atualmente.

Seria no mínimo razoável, manejar a floresta nativa com outros parâmetros, afim de manter a alta biodiversidade e torná-la mais produtiva, economicamente viável e socialmente justa, através da obtenção de um incremento de volume médio anual maior.

PARADIGMA 45 CM NO DAP

É fundamental saber que o paradigma de 45 centímetros no DAP, como diâmetro mínimo de corte das espécies florestais da Amazônia, estabelecido na legislação, foi introduzido como uma sugestão de consultores internacionais, há mais ou menos 30 anos. Naquela época, foi considerado a tecnologia de corte de madeira, incapaz de processar diâmetros menores, assim como o baixo número de espécies comerciais utilizadas. A sugestão de 45 centímetro no DAP, foi útil no passado, emplacou, tornou-se "lei", e converteu-se, na atualidade, em um dos fatores de perversidade ao manejo florestal, uma vez que inúmeras espécies morrem após completar o ciclo da vida, sem atingir o diâmetro mínimo arbitrado.

No presente momento é fundamental e indispensável perceber que a realidade é outra, onde possuí-

mos outras tecnologias e novos mercados. É importante compreender que possuímos 6,6 bilhões de habitantes na terra, contra 4,3 bilhões de 30 anos atrás. Assim, uma maior demanda exige nova visão para o manejo de floresta nativa na Amazônia.

Nosso objetivo é manejar sustentavelmente todas as espécies que ocorrem na floresta, considerando a aplicação pretendida, independentemente do DAP.

DISTRIBUIÇÃO DO VOLUME

Verificamos, no gráfico 1 e na tabela 1, que a distribuição do volume por classe de diâmetro apresenta volumes semelhantes em cada classe. Este fato sugere um novo estilo de colheita, que faça aproveitamento de diâmetros menores, objetivando maior produtividade da floresta. Tradicionalmente, acontece colheita apenas nos diâmetros maiores, assegurando a mortalidade de grande número de indivíduos que ocorrem nas classes de diâmetros menores. Nossa proposta é realizar a colheita distribuída dentro das classes de diâmetro, o que promove maior produtividade da floresta.

tabela 1

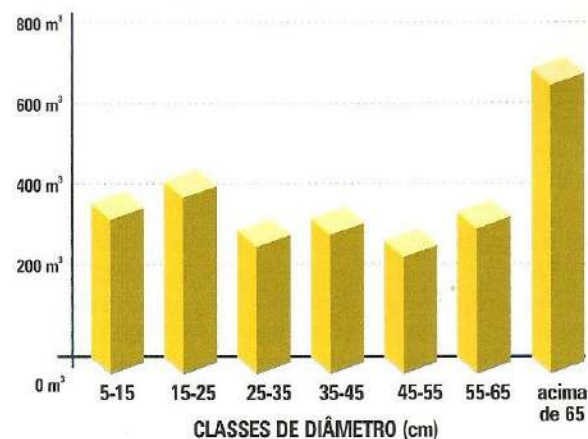
Volume em 10 hectares

classes de diâmetro (cm)	volume (m^3)	Ni	%
abaixo de 5	0,2670	31	0,01
5 - 15	368,0081	7.433	13,52
15 - 25	417,6930	1.634	15,35
25 - 35	300,7763	424	11,05
35 - 45	327,9994	222	12,05
45 - 55	274,5667	115	10,09
55 - 65	343,3057	91	12,61
acima de 65	688,8206	81	25,31
TOTAL	2.721,4568	10.034	100,00

Ni = número de indivíduos por hectare

gráfico 1

Distribuição do volume por classe de diâmetro



INFORME TÉCNICO

Fica claro a necessidade urgente de um novo enfoque de como lidar com a floresta, através de uma nova visão de manejo florestal na Amazônia, deixando de lado os parâmetros que foram úteis no passado, e adotando uma postura que considere a

realidade presente, utilizando os novos conhecimentos, as novas tecnologias, os novos mercados, com uma percepção recente e adequada de ecologia, que viabilize a manutenção da floresta.

QUADRO DE DEMONSTRAÇÃO DO ARCO DE DESFLORESTAMENTO NA AMAZÔNIA



Serra de Fita Horizontal Múltipla (desdobro)

- Modelo I - SFHM - CLA (Cabeçote Largo Automático)
- Modelo II - SFHM - CLSA (Cabeçote Largo Semi-Automático)
- Modelo III - SFHM - CLSM (Cabeçote Largo Semi-Mecânico)

- Entrada de Toras: 10 a 56 cm de diâmetro (Standard)
- Passagem da Madeira: 0,6 a 41 cm de largura
0,5 a 40 cm de altura
- Podendo ser de 01 (um) a 08 (oito) cabeçotes

Linha Especial:

- Entrada de Toras: 15 a 80 cm de diâmetro
- Passagem da Madeira: 10 a 60 cm de largura
0,5 a 60 cm de altura

Linha Completa para Serraria e Logística

www.florestalmaq.com.br